

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E
LINGUAGEM.

KELLY DE NAZARÉ GONÇALVES DE SOUSA

A RECONDUÇÃO DE DISCURSO DO PROGRAMA PACTO NACIONAL PELA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA NO CAMPO DE FORMAÇÃO.

Belém – PA, 2017

Kelly De Nazaré Gonçalves De Sousa

**A RECONDUÇÃO DE DISCURSO DO PROGRAMA PACTO NACIONAL PELA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA NO CAMPO DE FORMAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, para a obtenção de Grau em Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagem, sob a orientação da Professora Doutora Elizabeth Gomes Souza.

Belém – PA 2017

Kelly De Nazaré Gonçalves De Sousa

**A RECONDUÇÃO DE DISCURSO DO PROGRAMA PACTO NACIONAL PELA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA NO CAMPO DE FORMAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Pará, para a obtenção de Grau em
Licenciatura Integrada em Educação em
Ciências, Matemática e Linguagem.

BANCA EXAMINADORA: _____

Prof.

Prof.

Prof.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me proporcionar ao longo desses anos muitas oportunidades e pessoas das quais posso me orgulhar de ter ao meu lado nessa etapa de minha vida. Cada uma delas é responsável pela pessoa que me tornei.

Agradeço aos meus pais, pelo apoio e por serem meu cais de descanso e amor. Obrigada por todas as coisas que fizeram pelo meu amadurecimento, pelo amor e exemplo de vida a serem seguidos.

Ao meu Ítalo, cujo apoio foi incondicional. Obrigada pelo ombro amigo, por ser meu parceiro de séries e filmes, das conversas, dos abraços e muitas vezes das lágrimas. Sou grata por ter você em minha vida.

A vocês, “negas”, Diésica e Branca. Por serem as melhores irmãs que alguém poderia pedir aos céus. E ao amor mais puro que apareceu em minha vida, meu sobrinho Kal-El.

Aos meus padrinhos, Benedita e Manoel Joaquim. Por me acolherem tão bem em suas vidas e fazerem de mim uma filha muito amada.

Aos primos, irmãos e manolos pra toda a vida: Danyelle, Mary, Lilian, Márcio, Marcos, João e Davi. Obrigada pelo apoio, risadas e companhia.

As amigas, que sempre estão lá para aumentar o acervo das mais belas histórias nessa vida: Leninha, Janáira, Raquel, Francielly, Josane e Ruth. Muito obrigada.

E ao meu único amigo, aquele que mesmo de longe está sempre presente em meus pensamentos e orações, Alfredo Neto.

A todos os colegas de curso, que nossa caminhada profissional seja maravilhosa. Em especial a Sabrina, Kelly Regina, Iana, Kelly Cristina, Anne Gleyce e Tainara. Agradeço imensamente o apoio nesses 4 anos.

Enfim, gratidão eterna a todos vocês.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar em duas instâncias como os sujeitos participantes, Formador e Orientadores, reconduzem os discursos apresentados durante os momentos de formação do programa de Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, em Belém. De que forma os participantes modificam/ampliam/negam as propostas pedagógicas tratadas no nível de formação quando são solicitados a desenvolver tais propostas. Utiliza como instrumento de pesquisa as gravações de áudio e leitura do material disponibilizado pelo ministério da educação, para identificar como as propostas pedagógicas presentes do programa serão colocadas na prática durante as formações. A temática da recondução dos discursos será compreendida com base nos estudos de Fairclough, cuja compreensão do discurso envolve toda a produção comunicativa humana. Analisando falas simples conduzidas nos encontros, podemos observar como as alterações acontecem, entendendo que nossos discursos acabam influenciando direta ou indiretamente a sociedade ao nosso redor e dessa maneira melhorar nossas práticas.

PALAVRAS – CHAVE: Discurso. Alfabetização. Comunicação. Análise. Pnaic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS	8
3	PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA/PNAIC	8
3.1	PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA PARÁ.....	9
4.	PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA/ FORMAÇÕES	10
4.1	CADERNOS USADOS NAS FORMAÇÕES.....	11
5.	METODOLOGIA E CAMPO DA PESQUISA	12
6.	A ANÁLISE DO DISCURSO DE NORMAN FAIRCLOUGH	13
7.	A ANÁLISE: ORIENTADOR E FORMADORES	14
7.1	REFLEXÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA.....	16
7.2	REFLEXÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS	18
7.3	REFLEXÕES SOBRE ESTRATÉGIAS PARA A ORALIDADE	19
7.4	REFLEXÕES SOBRE PLANEJAMENTO	20
7.5	REFLEXÕES SOBRE OS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.....	21
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
9.	REFERÊNCIAS	23

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado das análises dos encontros formativos do Programa Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), ocorridas no Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMC, em Belém. Tem como objetivo identificar e analisar como o Formador e os Orientadores participantes da pesquisa modificam/ampliam/negam as propostas pedagógicas tratadas no nível de formação quando são solicitados a desenvolver tais propostas.

As coisas que falamos contam um pouco de nossa vida, o que gostamos, como vivemos, e todos esses aspectos influenciam na forma que nos relacionamos. Fairclough (2001, p.29) usa o termo *discurso* para designar “o uso de linguagem como forma de prática social”, há uma relação de reciprocidade entre o *discurso* e o social, um acaba alterando o outro.

Utilizando como instrumento de pesquisa as gravações de áudio, para identificar como as propostas pedagógicas presentes no programa serão colocadas na prática durante as formações, analisa dois campos de atuação, do Formador com os Orientadores; e dos Orientadores com os Alfabetizadores.

Analisar o *discurso* é analisar nossas próprias ações. “O discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001,p.91), é entender que nossos aprendizados acabam sendo forjados por nossas vivências e essas experiências influenciam diretamente modo como falamos algo ou para alguém.

No decorrer deste trabalho vamos nos deparar com as falas dos envolvidos na pesquisa e observar de que forma os discursos se modificam sofrendo influência uns dos outros.

2. OBJETIVOS

Esta pesquisa busca identificar como os Formadores e Orientadores (re) conduzem os discursos apresentados durante as formações do programa de formação Pacto pela Alfabetização na Idade Certa.

Dessa forma, os objetivos específicos são os seguintes:

1. Identificar a recondução do discurso dos formadores em duas instâncias (Formador e Orientadores).
2. Delinear as relações de poder instituídas pelos discursos dos participantes das formações.

3. PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA – PNAIC

Segundo (BRASIL, 2015) o PNAIC é um programa institucional do Governo Federal, executado desde 2013 em parceria com as universidades públicas federais do Brasil. Trata-se de um programa de formação continuada de professores que possuem diferentes instâncias de formação. O programa responde à meta cinco do Plano Nacional da Educação (PNE) e é um compromisso formal assumido pelos governos Federal em parceria com os municípios para também assegurar a plena alfabetização de todas as crianças, no máximo até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental.

A formação referida é realizada com base nos cadernos de apoio do PNAIC/2015, que é uma coletânea de dez volumes, nos quais os orientadores, formadores e professores alfabetizadores poderão buscar subsídios, teorias e soluções pedagógicas para embasar toda a formação.

Segundo os Documentos orientadores das ações (2016), em 2013, foram capacitados, em Linguagem, 313.599 professores alfabetizadores, em curso com carga horária de 120 horas; em 2014, foram 311.916 profissionais e a ênfase da formação recaiu na Matemática, em curso com carga horária de 160 horas; e, em 2015, foram capacitados 302.057 professores em temáticas como Gestão Escolar, Currículo, A Criança do Ciclo de Alfabetização e Interdisciplinaridade.

Os grupos nas formações são, inicialmente, divididos por duas denominações de professores: Formadores e orientadores de estudo. A ação destes incide sobre um terceiro grupo, o dos professores alfabetizadores, que trabalha diretamente com as crianças, que são o objetivo maior do programa. O professor formador, profissional selecionado por universidades públicas brasileiras, realiza a formação dos orientadores de estudo. O orientador de estudos, por sua vez, selecionado pelos municípios, a partir de critérios estabelecidos pelo MEC, organiza, com base nos mesmos princípios formativos, a formação dos professores alfabetizadores, atuantes nos três primeiros anos, em escolas públicas de diversas regiões do país. (BRASIL, p.28)

3.1 Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa – Pará

O PNAIC foi lançado no Pará no dia 21 de Janeiro de 2013, com o objetivo de corrigir as diferenças de idade e níveis de series dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. A abertura aconteceu no Centro Integrado de Inclusão e Cidadania.

Os Polos de formação, atualmente, são: Abaetetuba, Afuá, Altamira, Belém, Bragança, Breves, Cametá, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concordia Do Pará, Paragominas, Santa Izabel Do Pará e Tucuruí. Pela Universidade Federal do Pará são contemplados 92 municípios com o programa.

Os coordenadores estão divididos em Locais (CL) com 92 e Regionais (CR) com 18 Coordenadores. Os participantes das formações se dividem em: 21 Formadores, 553 Orientadores de Estudo, 14.353 Professores Alfabetizadores e 1.709 Coordenadores Pedagógicos.

4. PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA – FORMAÇÕES

As universidades públicas em 2013 eram responsáveis pela coordenação e realização das atividades, hoje a responsabilidade é do Comitê Gestor. que juntamente com o apoio dos Centros de Formação de Docentes fazem o processo de aprendizagem integrando a teoria e a prática, e estimula os professores-alfabetizadores a produzir e compartilhar suas descobertas.

O comitê é instituído em cada estado, composto por titulares e suplentes da Secretaria de Estado da Educação, da Undime, de representantes das Instituições de Ensino Superior - IES públicas e centros de formação de professores, e de representantes de outros órgãos e entidades que o Comitê julgar conveniente; é responsável pelo acompanhamento, aprovação e monitoramento: das estratégias de gestão dos estados e municípios.” (BRASIL. PORTARIA N° 153);

A produção da pauta de atividades para as formações foram construídas em conjunto com os coordenadores e supervisores, tendo como referência os resultados apontados pelas avaliações internas, as matrizes da ANA e os direitos de aprendizagem apresentados nos materiais do PNAIC dos anos anteriores.

As reuniões aconteciam na Universidade Federal do Pará (UFPA), com debates e troca de ideias que culminaram na ideia de que todo o processo de formação deveria ser flexível com as especificidades das salas de aula, para a construção de um ambiente favorável ao aprendizado no qual a percepção do professor em relação à sua turma é de extrema importância para a construção do conhecimento.

Todo esse momento busca suprir as necessidades dos alunos dos 1º, 2º e 3º anos. Os resultados dos diagnósticos apontados pelos testes feitos com os alunos (ANA e outros) servirão de base para a formulação das atividades pedagógicas e demandas dos professores.

4.1 Cadernos usados nas formações

Desde o início da aplicação do PNAIC ele já conta com um material específico para orientar as formações, é uma coletânea de cadernos com temas importantes para a reflexão do espaço pedagógico de ensino.

Nessa etapa das formações foram usados dois dos cadernos do PNAIC/2015, o caderno 4 com tema “A organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na alfabetização”; e o caderno 5 com “A oralidade, a leitura e a escrita no Ciclo de Alfabetização”.

Do caderno 4 foi abordado o texto 6, com o título "Trabalhando com Mídias e Tecnologias Digitais como Instrumentos de Alfabetização". Que faz considerações sobre como usar a tecnologia em sala de aula para ser um aditivo ao aprendizado, fazendo uso de sites e jogos específicos para a abordagem dos temas pertinentes nas aulas.

Já no Caderno 5 foram usados: “Inter-relações entre Oralidade e Escrita no Componente Curricular Língua Portuguesa” e “Práticas Oraís e Escritas Antes e Depois que as Crianças Ingressam na Escola”, para fazer a reflexão sobre essa relação da escrita e da leitura durante as aulas, e como melhorar essa interação das duas de forma a dar igual atenção as duas abordagens; o texto " Formação de Leitores na Escola: Leitura como prática social”, para pensar sobre como criar oportunidades das crianças se interessarem pelos livros e entender a mensagem querem passar.

As informações desses materiais norteiam tanto a formação da pauta, quanto intervenções durante as formações.

5. METODOLOGIA E CAMPO DA PESQUISA

Este trabalho é resultado de análises do 2º Encontro de Formação do PNAIC/2016, ocorrido no Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI, da UFPA. Buscando analisar como os participantes do programa PNAIC, Formadores e Orientadores alteram ou não as propostas pedagógicas tratadas nas formações.

Foram analisadas duas etapas da formação, a primeira: aconteceu em três dias no Instituto de Educação Matemática e Científica (IEMCI), na Universidade Federal do Pará. Nessa primeira fase a formação é para os Orientadores, quem têm a missão de reger o momento de formação com os alfabetizadores. A segunda fase aconteceu no Centro de Formação dos Professores, para os professores alfabetizadores que trabalham regularmente nas escolas municipais de Belém.

Essa pesquisa faz uso de métodos de natureza qualitativa, tende como suporte teórico alguns conceitos de Fairclough. Tem como objetivo de análise do discurso dos coordenadores, formadores, alfabetizadores participantes das formações do PNAIC (Programa Nacional Para a Alfabetização na Idade Certa) da prefeitura municipal de Belém.

Para isso foi feita a observação dos momentos de formação, análise documental dos materiais pertencentes ao PNAIC (Cadernos direcionados para condução do trabalho), leitura de teorias do *discurso* para melhor embasamento e gravação de áudios dos participantes do momento de formação. O contato com cadernos de formação nos embasa em relação à perspectiva na qual o programa está inserido, quais seus objetivos e metodologias. A teoria de Norman Fairclough traz as orientações para a análise dos resultados e falas dos participantes.

Os dados colhidos nesses dois momentos é que serão analisados neste trabalho, como o discurso é exposto por cada professor. Ele sofre alterações? Se sim, quais as mudanças? Quais as possíveis consequências dessa alteração? Todas essas perguntas serviram de norte para o desenvolvimento da pesquisa.

6. A ANÁLISE DO DISCURSO DE NORMAN FAIRCLOUGH

Este capítulo tem inspiração em alguns conceitos teóricos presentes na análise do discurso de Fairclough.

Professor Emérito do Departamento de Linguística e Língua Inglesa da Universidade de Lancaster, Lancaster, Reino Unido (MELO, 2012). A linguística é uma área de estudos que analisa a influência das relações de poder sobre a estrutura e conteúdo dos textos. Seus trabalhos tem foco na linguagem como integrante nos processos de mudança social.

Fairclough (2001) entende discurso como uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais, desse modo à língua é uma atividade dialética que molda a sociedade e é moldada por ela.

As coisas que falamos contam um pouco de nossa vida, o que gostamos, como vivemos, e todos esses aspectos influenciam na forma que nos relacionamos, se cria uma relação de reciprocidade entre o *discurso* e o social, um acaba alterando o outro.

A ADC estuda as interações sociais a partir da análise de textos, faz relação entre os discursos e as praticas para a propagação da ideia. Segundo Fairclough e Wodak (2000), Giddens (1991) atenta para a enorme importância da linguagem nas sociedades contemporâneas, linguagem para entreter e para vender, uma linguagem instrumentalizada.

O autor também defende que o discurso está vinculado a uma ideia de relações de poder, que nem sempre estão evidentes ou podem ser vistas facilmente, ele coloca que esses discursos tem objetivo específico com o objetivo de repassar uma ideia, e é para identificar esses discursos que a análise crítica aparece, chamada assim por “ter o objetivo de mostrar maneiras não óbvias pelas quais a língua envolve-se em relações sociais de poder e dominação e em ideologias” (Fairclough, 2001, p. 229)

Em seu livro ‘Discurso e Mudança Social’, Fairclough reflete que há uma heterogeneidade entre os elementos discursivos, podendo ser um tanto contraditória. Isso quer dizer que embora os sujeitos sejam posicionados pelas práticas e ideologias a que são expostos, também são capazes de reestruturar tais práticas. As contradições entre o que é permitido em um lugar, mas não em outro, podem tornar-se ponto de partida para a efetuação de mudanças (FAIRCLOUGH,

2001). A hegemonia do poder não é adquirida simplesmente pela imposição de uma estrutura social hierárquica, antes ela se dá mediante concessões, construção de alianças, a fim de ganhar o consentimento dos indivíduos, induzindo-os a integrarem-se (FAIRCLOUGH, 2001).

Dessa maneira podemos ter por base que nenhum discurso está na condição de imutável, que na medida em que somos alterados por eles, eles também acabam por sofrer mudanças a partir de nossas vontades ou por influência do ambiente em que estamos inseridos. Tomar consciência disso é um grande passo para Fairclough que defende uma modalidade de educação focada no âmbito linguístico, para estimular uma consciência crítica dos processos ideológicos no discurso, para que assim as pessoas possam tomar consciência de suas próprias práticas.

O discurso contribui para a construção de identidades sociais, de relações sociais entre as pessoas e de sistemas de conhecimento e crença. Além disso, reproduz a sociedade como ela é, mas também permite transformá-la, constituindo uma relação dialética com a estrutura social (FAIRCLOUGH, 2008), e é nessa perspectiva que este trabalho segue. Observando as falas dos participantes para ver de que forma os discursos se transformam, se alteram as ideias ou não.

7. A ANÁLISE: FORMADOR E ORIENTADORES

No próprio programa já está previsto a recondução do discurso, no caso a “mudança” na forma de propagar as ideias. Certeau (1974) diz que as orientações planejadas para a escola não são completamente reproduzidas tais quais foram estrategicamente elaboradas. Elas são reconstruídas, apropriadas e “fabricadas” em diferentes realidades escolares, a partir das trajetórias de vida, das políticas estabelecidas e de saberes de seus atores. (BRASIL, 2015. p 18). Dessa forma só vou expor as situações e analisá-las com a teoria.

O Formador fez uso do material do caderno 5 do PNAIC e também de outras leituras, como a literatura infantil. Sempre havia a socialização dos textos, fazendo uso dos slides e como atividade culminante o desenvolvimento de atividades que poderiam ser usadas em sala de aula, e também produção de material pedagógico, como pequenos jogos ou outros materiais mais simples.

Os Orientadores adotaram um padrão em seus encontros, que foi o uso do “Contrato didático”. O *contrato didático* é definido por Guy Brousseau (1982) como o conjunto de comportamentos do professor que são esperados pelo aluno e o conjunto dos comportamentos do aluno que são esperados pelo professor. São as expectativas do professor em relação aos alunos, e vice versa.

O Orientador 1 é professor e trabalha o Centro de formação da Semec Belém, foi o primeiro à ser observado por isso a denominação de “um”. O Orientador 2 é professor experiente de muitos anos de trabalho com turmas dos anos iniciais, e atua até hoje nas escolas municipais do município, e foi o segundo à ser observado por isso a classificação “dois”.

Ambos fizeram a leitura e socialização dos tópicos do contrato em conjunto, dividindo o texto em partes e espalhando entre os grupos de professores que foram divididos previamente, grupos 1,2,3 e 4. Então a dinâmica era a leitura e comentários por tópicos. Como segunda atividade ficou com a leitura de um capítulo de um compendio chamado “Nas trilhas da aprendizagem”, produzido pelos professores do centro de formação a partir dos feedbacks dos professores em relação à ANA e a Provinha Belém. E por fim a construção de propostas de aula, que contemplem o incentivo a escrita e leitura.

Fazendo uso dessa metodologia eles abordavam os pontos importantes para a formação como o dia a dia em sala, as práticas pedagógicas que aplicam suas perspectivas em relação aos assuntos escolhidos, seus prós e contras.

7.1 Reflexões sobre leitura e escrita.

A abordagem principal dessa fase dos encontros é a ênfase na interação entre leitura e escrita e como juntos são o caminho para uma boa aquisição do uso da linguagem.

Em dado momento da formação o Formador se manifesta sobre a importância de se propor e incentivar atividades voltadas para a oralidade em conjunto com a escrita:

Professor Formador:

“Faço uma observação para o grupo, eu percebi que a oralidade ficou um pouco de lado, ela não teve sua importância. Ficou um pouco para segundo plano dentro das atividades que vocês desenvolveram. Então precisam trabalhar mais a oralidade e escrita, as duas no mesmo patamar. Nas atividades de ler e explorar com aluno texto trabalhando a interpretação pela escrita você consegue mesclar os dois. Precisamos dar condições, e essas condições fazem com que os alunos mostrem a capacidade que eles têm de trabalhar oralidade e leitura juntas”.

E logo abaixo a fala dos Orientadores no momento em que estão regendo a formação, fazendo considerações sobre o uso da escrita em algumas das abordagens usadas de exemplo para a socialização:

<p>Professor Orientador 1:</p> <p><i>“A gente costuma não dá zero para o aluno, a não ser que não tem feito nada. Mas eu dou um ponto se teve a intenção de escrever, e dois pontos se inscreveu “carnaval”. E aí o aluno já não zerou. Não</i></p>	<p>Professor Orientador 2:</p> <p><i>“Nós que já temos uma vivência textual sentimos dificuldade em arrumar o texto, imagina uma criança aprendendo a escrever! Como não enrola a cabeça dela para dizer o que quer escrever? Mas uma</i></p>
--	--

<p><i>fez um texto, mas colocou um título? Fez uma segmentação? Tem um ponto. No final são dois, três ou quatro pontos. Muitas vezes o texto não tem nada, mas a gente procura ter cuidado de não zerar, observando todas as estruturas”.</i></p>	<p><i>saída é chamar a própria criança e pedir para que ela leia o que escreveu. Começando a ler vai lhe dar à “luz”, o que é super importante para que a gente descubra e valorize aquilo que ele está iniciando na leitura. Mas gente, valorizar aquilo que a criança escreve uma coisa e dar uma nota aleatória no texto a outra coisa.”</i></p>
---	---

Nos relatos acima vemos diferenças nos discursos tanto do Formador em relação aos Orientadores, quanto entre os Orientadores. São opiniões que convergem na temática sobre a leitura, mas que se diferenciam na abordagem.

O professor Orientador 1 toma como base os feedbacks dos professores da semec enviados para o centro, sobre as atividades aplicadas nas aulas fazendo as considerações que a avaliação do aluno seja mais flexível. Que se analise não só o ato de escrever, mas também o entendimento pela estrutura básica que compõe o texto.

E o professor Orientador 2 ainda atua na rede municipal, e tem a base nas aulas que aplica em sua turma. Faz sua observação dando ênfase na importância de fazer com que a criança possa ler o que escreveu, e não só realizar a escrita pela escrita. E também censura avaliação positiva do texto que não esteja enquadrado de forma completa na ideia convencional.

A importância da leitura evidenciada na fala do formador tem igual teor nos depoimentos dos orientadores, porém cada um faz suas intervenções e abordagens para se chegar ao objetivo para melhorar na leitura de forma diferente. O autor nos fala que já “como a língua participa de processos sociais” (Fairclough, 2001, p. 229), está propensa às mudanças no decorrer desses processos dependendo também do contexto em que os sujeitos estão inseridos, dessa maneira vemos as diferentes formas que um discurso pode ser propagado com o mesmo objetivo.

7.2 Reflexões sobre gêneros textuais.

Professor Formador:

“Incentivar a leitura na perspectiva de formar um leitor crítico, e não aquele leitor para apenas decifrar os códigos. Formar para que ele possa analisar os textos e conhecer os gêneros textuais. Essa diversidade de gênero que precisa está circulando na sala de aula como circula fora dela.”

O comentário do Orientador 1 acontece após a leitura de um texto que remete ao assunto, e o Orientador 2 depois da reflexão sobre o contrato didático.

Professor Orientador 1:

“E Isso, é o que? São gêneros textuais. Que a gente sempre tem batido na tecla, que se deve trabalhar com diferentes gêneros textuais na sala de aula”

Professor Orientador 2:

“Fazer um ambiente sala de aula dando lugar aos gêneros textuais é muito melhor, pois da possibilidade do aluno ter contato com vários tipos de texto e abre as possibilidades para alfabetizar letrando.”

Percebemos que a ideia foi igual para os Orientadores, a importância dos gêneros foi evidenciada e cobrada para com os alfabetizadores, da mesma forma que o Formador fala sobre a importância do assunto.

Vemos a recondução quase que na íntegra do discurso, muda-se apenas a forma, mas o conteúdo é igual quanto ao seu teor.

7.3 Reflexões sobre estratégias para a oralidade.

Professor Formador:

“O que a gente vê nesse texto que as autoras trazem concepções de leitura, uma delas é a leitura enquanto aquisição de código, que é a leitura tradicional de alfabetização, que está atrelada a fonemas, sílabas e palavras. Também nessa concepção está a ideia de que ensinando o aluno a decodificar, naturalmente ele se tornar um leitor. Será que é dessa forma? Apenas ele decodificando? Com isso as crianças se habituem a focar a sua atenção apenas na decifração das palavras, sem se atentar na busca de sentido e relação com texto.”

Professor Orientador 2

“No momento que você pede para criança falar o que está vendo no texto e ela fala com coerência, ela já leu. No compêndio as autoras criticam que houve muita cobrança no projeto de leitura oralizada em voz alta, que isso é coisa para adultos.

Porém em uma sala de aula com crianças fica complicado porque eles estão no início do processo da leitura, uns gaguejam outros não, eles ficam preocupados com a maneira que vão falar palavra e não sentido do texto então acaba não entendendo nada, e o menino acaba ficando como analfabeto funcional.

Então cuidado com essa questão de mandar o menino ler alto muitas vezes, ele tem que ler sim, mas de preferência silenciosamente e depois observar a leitura do professor, e então em última instância pedir oralidade voz alta.”

Observando os depoimentos do Formador e do Orientador 2 vemos fazem críticas a leitura como mera forma de repetição das palavras, chamam a atenção para a leitura do texto tendo o entendimento do contexto que se está lendo.

O Formador mostra o problema que devem evitar, e o Orientador 2 reforça a ideia fazendo a exemplificação do porquê pode acontecer essa leitura superficial do texto, e logo depois inseri uma dica de como fazer o encaminhamento afim de promover um melhor aproveitamento da prática.

Segundo Souza (2001, *apud* FAIRCLOUGH) embora os sujeitos sejam posicionados pelas práticas e ideologias a que são expostos, também são capazes de reestruturar tais práticas, agindo criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões.

A Orientadora alterou o discurso da leitura no sentido de mostrar uma pratica para evitar a má condução do aprendizado, e dessa forma assegurar o bom aproveitamento da leitura.

7.4 Reflexões sobre o Planejamento

Professor Formador:

“Planejar é de extrema importância em qualquer atividade que vamos fazer, principalmente nós professores que temos uma turma muitas vezes diversificada. Pensar nessa turma faz com que consigamos fazer um bom planejamento, uma boa aula, desenvolver uma boa atividade. Ter esse tempo para planejar é de suma importância”

Professor Orientador 1:

Professor Orientador 2:

<p><i>“Pensar em uma boa aula é importante por isso nós temos a nossa “HP”, nossa hora pedagógica. É o momento para ter a formação continuada ou para produzir materiais, e pensar em aulas”</i></p>	<p><i>“Nosso planejamento deve ser efetivo para obter os objetivos que queremos durante o ano. Nos nossos encontros de Formação, conversando com outros professores, fazemos planos de aula e por eles podemos ter ideias para desenvolver em nossas salas. Fazer uso desse conhecimento no planejamento é enriquecedor para o desenvolvimento de uma boa sequência didática”</i></p>
--	---

Nesses discursos vemos a semelhança, mas já modificada pelos orientadores ao inserir um momento de planejamento para a hora pedagógica, que é a hora reservada para a formação continuada dos professores da rede pública. Há uma alteração na fala para a inserção de uma experiência pessoal que os professores praticam.

O autor diz que o discurso reproduz a sociedade como ela é, mas também permite transformá-la, constituindo uma relação dialética com a estrutura social (FAIRCLOUGH, 2008)

7.5 Reflexões sobre alunos com necessidades especiais.

Professor Formador:

“Só quero chamar atenção para as aulas que contemplaram os alunos com necessidades especiais, porque em uma sala eu não tenho 25 alunos mais 2 especiais, eu tenho uma sala com 27 alunos e dentre eles eu tenho 2 com alguma deficiência. Dessa forma a gente acaba fazendo esse discurso e fazendo essa diferença entre os alunos ditos normais eles, e com isso acaba

deixando os alunos especiais à margem.”

Professor Orientador 1:

“Quantos professores têm ou já tiveram alunos com necessidades especiais? Na sala de aula aqui são poucos, mas é importante também pensar em uma atividade que envolva esse aluno, afinal ele faz parte da sala como qualquer outro.”

No relato acima o Formador chama a atenção para um discurso muito comum de ser propagada na área da educação, a “separação” dos alunos mesmo eles dividindo o espaço de aprendizagem. Essas ideias aparecem de forma velada e acabam afetando o modo de conduzir a rotina da turma.

Já o Orientador reforça a ideia da inclusão nas atividades da turma, de forma comum, e evidencia a igualdade de protagonismo em uma sala com alunos especiais. O discurso do Formador é levado pelo Orientador.

No momento que o orientador tem a oportunidade de avaliar as produções se manifesta sobre o discurso, e essa manifestação ele faz uso de sua posição de professor experiente para sinalizar uma fala errônea sobre inclusão, Fairclough (2001) diz que organização material das instituições, das Ordens do Discurso, delimita não só o status daquele que fala. Tal organização delimita também o que significa tomar o discurso, tomar o direito de falar. E esse discurso exemplifica as relações de poder presentes na sociedade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs uma análise das falas dos professores participantes das formações do PNAIC, observando como os discursos são conduzidos e reconduzidos pelo Formador e pelos Orientadores. Analisando falas simples conduzidas nas reuniões podemos observar como as alterações acontecem, ora para reforçar a ideia anterior e ora para alterar, seja negando ou modificando.

Fairclough (2001) distingue três aspectos dos efeitos construtivos do discurso, primeiro o discurso como 'identidades sociais' dos 'sujeitos' sociais, o segundo contribui para construir as relações sociais entre as pessoas e o terceiro contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crenças, _Esses aspectos podem ser observados nos depoimentos presentes na análise.

Portanto, entender que nossos discursos acabam influenciando direta ou indiretamente a sociedade ao nosso redor, requer um exercício de análise quanto as nossas práticas, e dessa maneira melhorá-las.

Esse estudo se propõe a provocar uma reflexão quanto às atividades do PNAIC, para que se observe se os objetivos de propostas de aprendizagem são de fato alcançados, e como acontecem.

Esse exercício de pesquisa possibilita à instituição modeladora do programa, a oportunidade de pensar e repensar as atividades a fim de enriquecer o processo de aprendizagem e conseqüentemente a educação.

9. REFERÊNCIAS

1. FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
2. FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008

3. FAIRCLOUGH, Norman. Discourse, social theory and social research: the case of welfare reform. *Journal of Sociolinguistics*, 4(2). 2000^a.

4. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - A organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na alfabetização/ Caderno 04.** Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Cadernos_2015/cadernos_novembro/pnaic_cad_4.pdf. Acesso em: 02 abr. 2017.

5. BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - Apresentação.** Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Cadernos_2015/cadernos_novembro/pnaic_cad_apresentacao.pdf. Acesso em: 02 abr. 2017.

6. BRASIL. **Documento orientador das ações de formação continuada de professores alfabetizadores em 2016.** Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Cadernos_2016/cadernos_novembro/pnaic_cad_acoes.pdf. Acesso em: 02 abr. 2017

7. CERTEAU, Michel denteoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: M. I. de F. Szmrecsanyi (org.). *Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano*. Anais. São Paulo: FAUUSP, 1974.

8. BRASIL. PORTARIA N° 153. Altera a Portaria MEC no 867, de 4 de julho de 2012, que institui o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e amplia as ações do Pacto e define suas diretrizes gerais. *Diário oficial da União*, Brasília, DF, quarta-feira, 23 de março de 2016.